

Credores recebem US\$ 7 bilhões

As quinze nações em desenvolvimento do Plano Baker devolveram aos credores privados mais de US\$ 7 bilhões líquidos nos últimos dois anos, mas o financiamento externo para esses países está despencando, afirmou ontem o IFI.

"A contínua administração da crise ao longo dos anos conduziu a um clima de insatisfação com o processo e seus resultados", diz uma carta enviada ontem pelo presidente do IFI, Horst Schulmann, ao FMI e ao Banco Mundial (BIRD).

O FMI e o BIRD vão reunir-se em Washington na próxima semana para examinar, entre outros temas, o problema da dívida dos países em desenvolvimento. O IFI, com sede em Washington, congrega os principais bancos privados do mundo; aos quais serve como centro de estudos.

Schulmann apresentou a carta numa entrevista coletiva. Segundo o IFI, quase todos os emprestadores retiraram seu apoio às nações do Plano Baker: os créditos para esses países baixaram de US\$ 20,2 bilhões em 1984 para US\$ 3,7 bilhões; em 1985 e US\$ 4,6 bilhões em 1986.

Em 1985 o secretário do Tesouro dos EUA, James Baker, propôs que os organismos multilaterais e os

bancos privados emprestassem fundos a quinze nações endividadadas sempre que estas se comprometessem a reformar suas economias.

No entanto, os fluxos esperados não se concretizaram, disse o IFI. As quinze nações do plano devolveram US\$ 4,2 bilhões líquidos aos credores privados em 1985 e US\$ 2,9 bilhões em 1986. Dessas cifras, os bancos receberam US\$ 3,5 bilhões em 1985 e US\$ 900 milhões em 1986. O restante foi recebido por outros credores privados.

Os credores oficiais baixaram seus créditos de US\$ 12,7 bilhões em 1984 para US\$ 8 bilhões em 1985 e US\$ 7,6 bilhões em 1986. O FMI reduziu seus desembolsos líquidos de US\$ 3,1 bilhões em 1984 para US\$ 1,8 bilhão em 1985 e para zero em 86.

Os organismos bilaterais oficiais reduziram seus empréstimos do total de US\$ 6 bilhões em 1984 para US\$ 2,7 bilhões em 1986 e a US\$ 2 bilhões em 1987. Somente as organizações multilaterais, como o BIRD, aumentaram seus empréstimos; que passaram de US\$ 3,6 bilhões em 1984 para US\$ 4,2 bilhões em 1985 e US\$ 4,8 bilhões em 1986.

Enquanto isso, a conta corrente da balança de pa-

gamentos dos quinze países do Plano Baker despencou. Após apresentar resultado negativo de US\$ 1,7 bilhão em 1984, a conta corrente melhorou em 1985 ao registrar US\$ 100 milhões negativos. Mas em 1986 o resultado negativo foi de US\$ 11,8 bilhões, segundo o IFI.

Os bancos, de qualquer modo, tiveram uma atitude mais positiva para com as dez nações do Plano Baker ligadas ao FMI por algum tipo de programa, indicou Schulmann. Essas nações receberam em 1986 US\$ 1,477 bilhão dos bancos privados.

As dez nações ligadas ao FMI por algum tipo de acordo, não necessariamente de crédito, e em alguns casos de supervisão, em 1986 eram: Argentina, Bolívia, Colômbia, Chile, Costa do Marfim, Equador, Marrocos, México, Filipinas e Uruguai.

As cinco nações sem acordos com o FMI, ao contrário, experimentaram em 1986 um fluxo negativo de US\$ 2,355 bilhões. Essas nações eram Brasil, Nigéria, Peru, Venezuela e Iugoslávia.

Esse panorama financeiro negativo se complica em 1987 devido às "tensas" condições da economia mundial, observou a carta de Schulmann. O cresci-

mento das nações industrializadas parece ser mais lento em 1987 que nos anos anteriores e existe a ameaça de que os desequilíbrios comerciais entre Estados Unidos, Alemanha Ocidental e Japão não sejam corrigidos.

Tal situação poderia "conduzir a um crescimento ainda menor, a uma instabilidade adicional nas taxas de câmbio e a taxas de juro mais altas, podendo ainda atrasar as mudanças estruturais nas economias industrializadas e a eliminação dos subsídios à indústria e agricultura".

Nesse meio tempo, há poucas possibilidades de que melhorem as condições de intercâmbio das nações endividadadas. "A situação atual é precária e revela sinais de tensão", conclui a carta de Schulmann. "Todos os participantes deveriam dar destaque em sua agenda à busca de soluções."